

## Reflexões sobre a Militância Política

Karl Jensen

*Os que são perigosos entre os espíritos subversivos. – Dividam-se aqueles que pensam em uma subversão da sociedade naqueles que querem alcançar algo para si mesmos e naqueles que querem alcançar algo para seus filhos e netos. Estes últimos são os mais perigosos; pois têm a crença e a boa consciência do não-egoísmo. Aos outros, pode-se satisfazer; para isso a sociedade dominante é ainda rica e esperta o bastante. Os que são revolucionários por interesse impessoal podem considerar todos os defensores do que existe como pessoalmente interessados e por isso sentir-se superiores a eles.*

Friedrich Nietzsche

O movimento socialista possui uma história secular e um tema fundamental para seu aperfeiçoamento, enquanto movimento revolucionário, é a questão da militância política. Entretanto, tal tema ficou à margem do rio do pensamento socialista. Discutir a militância política e, como consequência, a questão dos militantes revolucionários, se tornou, com a atual crise do movimento comunista mundial, uma necessidade inadiável. Tentaremos, aqui, dar um primeiro passo nesse sentido, oferecendo uma contribuição a esta questão.

A questão da militância política<sup>1</sup> é extremamente importante e complexa e nos leva a discutir o seguinte: A) quais são as motivações para a militância política ou o que

---

<sup>1</sup> Usamos militância política e militância revolucionária, pois nem tudo que se apresenta como “revolucionário” o é realmente. A militância política é qualquer engajamento político e a revolucionária é o autenticamente revolucionário, tal como a distinção apresentada por Nietzsche na epígrafe. Nietzsche acerta na distinção, mas erra ao pensar que o revolucionário age apenas por interesse impessoal, pois a própria militância é a única forma de exercer a liberdade na sociedade capitalista e a superação dessa é interesse de todos, inclusive do militante. Claro que muitos pensam que não viverão para ver a concretização da utopia autogestionária, mas a luta é a sua forma de autogerir algo no interior de uma sociedade heterogerida e dominada pelo capital.

leva um indivíduo a se tornar um militante revolucionário? B) quais são as relações do militante revolucionário com a sociedade burguesa (em seus múltiplos aspectos)? C) quais são as relações do militante revolucionário com o seu grupo político? D) um indivíduo pode ser um militante revolucionário estando desligado de qualquer grupo ou organização? E) qual é a relação entre o indivíduo (militante) com o coletivo (organização)? F) o que leva um militante a escolher a corrente A, B ou C? G) que tipo de relação se estabelece entre os militantes? H) por que existe uma variação no grau de compromisso e engajamento entre os militantes revolucionários? Estas são algumas das questões que nós podemos levantar sobre a militância política, embora existam outras. Pretendemos fazer algumas considerações sobre estas questões e iniciar uma discussão necessária para o movimento revolucionário.

O indivíduo é um problema fundamental na análise da militância política. De nada adianta buscar em Engels, Kautsky, Lênin, Trotsky, Stálin, Gramsci, Lukács, entre outros “clássicos” do pensamento “socialista”, uma análise da questão do indivíduo e sua relação com a luta política. Podemos ver alguns apontamentos em Marx, Rosa Luxemburgo, os teóricos que buscaram aproximar marxismo e psicanálise ou marxismo e anarquismo, entre outros. É preciso perceber as diferenças entre essas duas correntes de pensamento. São duas correntes que reivindicam o marxismo e que se opõem: uma corrente burocrática e uma corrente autogestionária, ou, como diriam outros, uma corrente autoritária e uma corrente libertária. A corrente burocrática cria partidos e estados totalitários, cria ideologias totalitárias. Ela simplesmente reproduz a opressão e a alienação existente na sociedade capitalista. Ideologias, práticas e organizações burocráticas e totalitárias estão presentes em Lênin e suas concepções organizativas (partido de vanguarda, centralismo “democrático”), em Gramsci e seu pragmatismo semirreligioso, em Lukács e sua concepção metafísica de “moral comunista”, na ditadura stalinista, no militarismo trotskista e maoísta.

Portanto, não é desse lado do rio que podemos pescar uma análise sobre a militância política. A corrente autogestionária nos ofereceu alguns apontamentos interessantes para analisarmos a questão do indivíduo, principalmente através daqueles que buscaram unir marxismo e psicanálise. Um indivíduo é condicionado pela

sociedade que o envolve. As ideias, valores e comportamentos do indivíduo são constituídos pelas relações sociais às quais ele é, quer queira ou não, constrangido a viver. A sociedade cria um padrão de comportamento que o indivíduo deve adotar sob pena de marginalização caso não o faça. O descontentamento com a sociedade é por demais evidente para que ela o desconheça. Por isso, ela cria um padrão de comportamento marginal, que serve para que os descontentes manifestem sua insatisfação sem, no entanto, contestar radicalmente e frontalmente a sociedade. A sociedade padroniza até o comportamento dos seus pretensos opositores.

A partir dessa análise, podemos responder algumas questões que acima colocamos. O motivo fundamental, mas que não é o único, para que um indivíduo decida se tornar um militante revolucionário (real ou imaginário, ou seja, realmente revolucionário ou apenas em suas representações) é o seu descontentamento com a sociedade. Outros indivíduos podem fazê-lo por outros motivos, tais como por relações pessoais de amizade ou por solidão, que se busca superar ingressando-se num grupo político. Isso, evidentemente, é fruto de um descontentamento “inconsciente” com a sociedade e que não leva a uma oposição frontal a ela ou a elaboração de um projeto político. O primeiro tipo de militante coloca a militância como um meio para atingir determinado fim e o segundo a coloca como um fim em si mesmo. A “militância pela militância” é o lema daqueles que não colocam na sua luta política um projeto, pois eles têm na própria militância a sua satisfação. É claro que tal satisfação não é “plena” e sim parcial<sup>2</sup>. Este tipo de militante se limita ao “tarefismo”, ao “praticismo”, despreza a formação teórica e é acrítico. É este tipo de militante que está sempre do lado da maioria ou das autoridades do partido.

Mas não devemos, por isso, supervalorar o outro tipo de militante, pois o descontentamento consciente com a sociedade pode gerar dois projetos diferentes:

---

<sup>2</sup> O autêntico militante revolucionário também encontra uma satisfação na própria militância, mas esta pode ser precária dependendo dos resultados, dos processos, das dificuldades, das pressões. Por ser um momento de liberdade, a militância é satisfatória, mas vista como apenas um momento e uma liberdade restrita, que precisa se generalizar, o que só pode ocorrer com um projeto revolucionário que, uma vez concretizado, permite a libertação humana, ou seja, tanto a individual quanto a coletiva.

individual ou coletivo<sup>3</sup>. Isto é produto de duas formas diferentes de descontentamento com a sociedade. O militante que possui um projeto individual está descontente não com a sociedade em geral e sim com sua situação particular de inferioridade em relação aos outros membros dela. O objetivo desse tipo de militante (seu “projeto”) é o retorno pessoal, seja econômico ou qualquer outro. São estes que cedem facilmente aos encantos do reformismo e do poder. São os que se acomodam com facilidade na burocracia estatal, partidária ou sindical. São aqueles que logo se tornam “líderes”, “burocratas”, “estrelas”, “autoridades” e utilizam isso para conseguir retorno pessoal, principalmente ascensão social, dinheiro e poder. No movimento revolucionário são conhecidos como “oportunistas” e “carreiristas”. Em poucas palavras, são os mais fáceis de serem corrompidos. Este tipo de militante é, portanto, muito mais prejudicial ao movimento revolucionário que os anteriores.

Aqueles militantes que se opõem à sociedade através de um projeto coletivo revolucionário são geralmente chamados de “idealistas”. Se aqueles que se opõem à sociedade com um projeto individual são perigosos para o movimento operário, aqueles que se opõem à sociedade com um projeto coletivo são perigosos para a civilização burguesa. Estes possuem coragem o suficiente para desafiar a sociedade burguesa e enfrentarão todas as represálias e ameaças que surgem devido a isto. Estes também são capazes de desafiar os valores e as ideias dominantes de forma radical. São capazes de destruir as ilusões existentes e, às vezes, até com crueldade. Enfim, são estes que são capazes de questionar os comportamentos mais comuns, as práticas mais arraigadas, os valores mais consensuais, a cotidianidade e a “obviedade” e, conseqüentemente, apesar de seu radicalismo, ou melhor, justamente devido a ele, conseguem fazer uma autocrítica de sua prática e de seu grupo. Claro que existem exceções, tanto por limitações individuais quanto por certas condições históricas concretas.

Entretanto, o descontentamento com a sociedade deste tipo de militante não deve ser considerada de forma abstrata. Este descontentamento também é um caso individual. Os militantes que se apresentam como portadores de um projeto coletivo

---

<sup>3</sup> Um outro tipo poderia ser acrescentado na lista, que é o dogmático. Este, no entanto, é raro e é difícil identificá-lo, pois pode se confundir tanto com um quanto com outro, bem como pode passar de um para outro.

também possuem um projeto individual. Acontece que este projeto individual mantém uma unidade com o projeto coletivo, pois nele há uma identificação da libertação individual com a libertação coletiva, tendo em vista que vivemos numa sociedade repressiva. Nesse sentido, não existe oposição entre o individual e o coletivo e, assim, este tipo de militante apresenta uma antecipação teórica e prática das relações entre o indivíduo e a coletividade numa sociedade comunista.

Não devemos perder de vista que estes diversos tipos de militantes podem estar entrelaçados num único indivíduo. Claro que tal colocação nada tem a ver com a metodologia burguesa de Max Weber, segundo a qual os sociólogos elaborariam “tipos ideais” que nunca existem em “estado puro” na realidade. No que se refere aos militantes políticos, existem tantos os casos puros quanto os casos mistos, dependendo do indivíduo concreto em questão.

Estas diferenças entre os militantes se refletem na relação que eles mantêm com a sociedade burguesa, com o seu grupo político e com os demais militantes. Os adeptos do “militantismo” (militância pela militância) estão mais preocupados em agir e em participar de ações coletivas do que se opor de forma frontal e radical à sociedade. Os rebeldes (adeptos de projetos individuais) estão mais preocupados com a organização e o retorno pessoal, que se confundem muitas vezes, do que com um processo real de transformação social. Os revolucionários autênticos, por sua vez, são críticos da sociedade e sua oposição é radical e frontal, colaborando com a criação de um espaço autogestionário no interior de relações mercantis e burocráticas da sociedade capitalista. Esse espaço autogestionário é um espaço de luta e não ilhas de autogestão no interior do capitalismo, o que é uma impossibilidade prática.

Entre estes três tipos de militante existem aqueles que não conseguem estar desligados de um grupo: são aqueles que buscam numa “comunidade” o refúgio da solidão, da angústia. Outros se aproximam de grupos políticos devido relações de amizade, entre outras, por pessoas que são integrantes de algum agrupamento político. Entre estes há aqueles que se aproximam de determinados grupos ou partidos por interesse de ordem sexual por integrantes de tal agrupamento, isto é bastante comum, principalmente nos movimentos da juventude, em partidos políticos que usam a

sexualidade como artifício para recrutar militantes<sup>4</sup>, demonstrando, assim, uma total falta de ética libertária e o seu grau de corrupção moral e política, que é equivalente ao da sociedade burguesa.

Os militantes que agem de acordo com um projeto individual também não conseguem atuar fora de um grupo político. Aliás, a tendência mais forte nesse tipo de militante é se integrar numa organização política mais ampla possível, pois assim é mais fácil realizar o seu projeto individual. Também podem mudar de organização facilmente de acordo com seus interesses e com a “oportunidade” do momento.

Os militantes que atuam conforme um projeto coletivo podem agir politicamente de uma forma revolucionária sem estar ligado a uma organização política. Entretanto, não se deve perder de vista as limitações de uma ação individual e as dificuldades de sustentá-la por muito tempo, devido tanto às pressões econômicas e sociais, quanto às pressões morais e ideológicas. Os que decidem participar de uma corrente política determinada ou tentam fundar uma que seja condizente com o seu projeto coletivo ou se integram em organizações já existentes, onde existe coincidência ou não de projetos políticos, e, nesse último caso, apesar da possibilidade de discordâncias em muitos pontos, a integração ocorre em troca de certa segurança (que pode ser material e/ou psíquica). Os militantes de “tipo misto” também tendem a se integrar numa organização política, embora existam exceções.

Seria bastante interessante descobrir as motivações que levam um militante a escolher atuar numa organização política autoritária tal como os partidos leninistas, trotskistas, maoístas e stalinistas. Existem aqueles que optam por organizações que fazem um discurso à esquerda, mas que estão totalmente integradas na sociedade capitalista, tal como os partidos social-democratas e reformistas em geral e também os “socialistas”, “operários”, “comunistas”. Podemos dizer que existem dois tipos de militantes que aderem aos partidos autoritários, comandados por uma oligarquia burocrática: um tipo é o primeiro daqueles citados na nossa tipologia de militantes, o ativista, pois ele é recrutado e se integra por motivos extra-políticos e por isso são

---

<sup>4</sup> A aproximação sexual entre militantes revolucionários só deve ser questionada, evidentemente, quando não for espontânea e sim uma “tática” visando objetivos políticos de partidos ou grupos.

facilmente manipulados e aceitam passivamente o autoritarismo da direção, pois é o lugar que alguns deles pretendem ocupar no futuro ou meio de ascensão social para outros; o outro tipo pode ser encontrado tanto no segundo, o rebelde, quanto no terceiro, o revolucionário, citados em nossa tipologia. O que definirá sua opção política será a estrutura da personalidade individual de cada militante. Aqueles que possuem uma personalidade autoritária tendem a se integrar neste tipo de organização. Entre os que não possuem uma personalidade autoritária também pode ocorrer o ingresso nesse tipo de organização, devido, entre outras motivações possíveis, ter sido o primeiro contato político de tal indivíduo com um agrupamento político ou pouca formação teórica e política. Entretanto, se tal pessoa tiver personalidade forte o suficiente para aguentar o rompimento com os vínculos afetivos que geralmente acompanham o rompimento político, os conflitos posteriores, principalmente se o projeto político for diferente, tenderão a se afastar.

O segundo tipo de militante da nossa tipologia, o rebelde, geralmente decide por aderir aos partidos reformistas. Lá é o terreno fértil para os projetos individuais: a ascensão social, o carreirismo, o burocratismo, etc. O terceiro tipo, o revolucionário, também pode aderir a esta espécie de partido, mas ou ficará numa dissidência permanente (seja individual ou atuando em correntes internas de esquerda) ou simplesmente se afastará, omitindo-se ou realizando uma “crítica a distancia”. Alguns se afastam totalmente por desilusão e falta de projeto alternativo e outros rompem e buscam nova organização, mais adequada ao seu pensamento.

Uma última questão que podemos colocar sobre a militância política é: quais são as motivações da diferenciação no grau de engajamento e compromisso de um militante revolucionário? Isto só pode ser respondido levando-se em consideração a existência de uma multiplicidade de motivações: as condições de existência do indivíduo (classe social, grau de descontentamento com a sociedade, disponibilidade de tempo, tipo de personalidade, as tradições familiares e culturais, o acesso a elementos teóricos e experiências políticas, etc.); sua formação política, teórica e cultural; o meio ambiente político (contatos com indivíduos, grupos e movimentos políticos); a reação diante de ameaças e represálias; o clima político da época; o entusiasmo ou a desilusão

em determinados períodos históricos concretos; a sua preocupação com as questões sociais; a sua ligação com as classes exploradas, etc.

Cada indivíduo poderá responder de uma forma diferente a cada uma dessas situações, dependendo da sua estrutura de personalidade. Alguns tendem, diante de ameaças e represálias, a moderar sua ação política enquanto que outros tendem a radicalizá-la. Existem aqueles que poderão elaborar uma ação planejada: recuar num primeiro momento para avançar num segundo momento. Mas, além das diferenças individuais, podemos analisar tal questão a partir da tipologia dos militantes políticos anteriormente exposta. Os militantes sem projeto político, os ativistas, tendem a recuar ou avançar dependendo do “clima” no seu movimento/agrupamento ou na sociedade, ou seja, seguindo as “maiorias barulhentas”. Os militantes por projeto individual, os rebeldes, se engajam mais tendo em vista o retorno pessoal que isto pode oferecer, em curto ou longo prazo, e por isso são “sensíveis” ao clima política de agitação, mas mesmo em períodos “calmos” atuam pensando nos frutos que colherão futuramente. Alguns deles, por incompetência ou falta de perspectiva (além de questões individuais), manterão sempre um baixo grau de engajamento e compromisso. Os militantes com projeto coletivo, os revolucionários, também estarão engajados em períodos de acirramento das lutas de classes. Em períodos “calmos” este tipo de militante se divide em dois grupos: os que desiludidos com a fraqueza e a corrupção dos movimentos políticos tendem a se afastar da luta política e os que, apesar disso, retiram do seu próprio interior forças para “desafiar o mundo”. Estes tendem a serem os poucos porta-vozes da revolução em tempos difíceis. Devemos acrescentar que são entre estes que surgem os verdadeiros militantes revolucionários, que são os que buscam construir alternativas e movimentos políticos não-autoritários e não-burocráticos. Os exemplos deste movimento estão expressos nos movimentos autônomos e nas organizações autogestionárias que são criadas e recriadas na história.

Para concluir, podemos dizer que esta breve reflexão sobre a militância política tem como principal objetivo enfatizar a importância e necessidade de tratarmos de tal questão. O aprofundamento do estudo sobre a militância política torna-se fundamental para o movimento revolucionário, pois possibilita compreender as lutas políticas atuais

e colabora com a elaboração de uma teoria da organização revolucionária autogestionária, além de proporcionar aos militantes políticos a realização de uma autocrítica necessária. Este é um primeiro passo nesse sentido e o primeiro passo nunca é o último e por isso devemos continuar nossa caminhada.